

O inabitável¹

The Uninhabitable

AbdouMaliq Simone

É urbanista e tem particular interesse nas formas emergentes de vida coletiva nas cidades do Sul Global. Simone é Senior Professorial Fellow no Urban Institute da Universidade de Sheffield e Professor Visitante de Estudos Urbanos no Centro Africano de Cidades da Universidade de Capetown. Suas publicações incluem: *For the City Yet to Come*, Duke University Press, 2004, and *City Life from Jakarta to Dakar: Movements at the Crossroads*: Routledge, 2009, *Jakarta: Drawing the City Near*: University of Minnesota Press, 2014, *New Urban Worlds: Inhabiting Dissonant Times*, Polity 2017 (with Edgar Pieterse), and, *Improvised Lives: Rhythms of Endurance in an Urban South* (Polity 2018).

Tradução

Beatriz Jaguaribe

Possui graduação em Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1980). Obteve o seu doutorado em Literatura Comparada - Stanford University (1986). Realizou estudos de pós-doutorado na Universidad de Buenos Aires (2006) e na Université de Cergy-Pontoise (2016). É professora titular da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde leciona desde 1994. Foi professora visitante nas universidades de Dartmouth, Stanford, New School of Social Research, Princeton University e New York University. Recebeu os prêmios e bolsas RioArte, ICAS, Guggenheim e Plas (Princeton).

Submetido em 16 de Setembro de 2019

Aceito em 15 de Outubro de 2019

RESUMO

Este artigo é parte da introdução do livro *Improvised Lives: Rhythms of Endurance in an Urban South* (2018), de AbdouMaliq Simone. O autor propõe um estudo sobre

¹ Publicado originalmente como capítulo do livro SIMONE, AdouMaliq. *Improvised Lives: Rhythms of Endurance in an Urban South (After the Postcolonial)*. Cambridge, UK: Polity Press, 2019.

distritos urbanos e zoneamentos como locais de mediações e transformações sociais. Nessa mesma edição da Revista Eco-Pós também publicamos o capítulo “A política da assistência periférica” e uma entrevista exclusiva com AbdouMaliq Simone.

PALAVRAS-CHAVE: *Distrito; Zoneamento; Negritude.*

ABSTRACT

This article is part of the introduction to AbdouMaliq Simone's book: *Improvised Lives: Rhythms of Endurance in an Urban South* (2018). The author proposes a study on urban districts and zoning as places of social mediation and transformation. In this same issue of Eco-Pós Journal, we also published the chapter “The Politics of Peripheral Care” and an exclusive interview with AbdouMaliq Simone.

KEYWORDS: *District; Zoning; Blackness.*

O inabitável: aquelas “terras de ninguém”. *Aquelas terras encarnavam a inferioridade e, uma vez apropriadas e ocupadas pela colonização, foram sendo determinadas como o depósito exclusivo daqueles cuja localização era para ser considerada como “incongruente com a humanidade”* (McKittrick 2013, 41). Katherine McKittrick pergunta, no contexto da fazenda, se aquilo que era apontado como sendo desprovido de vida talvez não apontasse simplesmente para um tipo diferente de vida envolta numa gama de *histórias secretas*.

Como nós vivemos finalmente não é importante, vivermos é... (Fred Moten, 2017)

Dói sempre viver desfeito e inacabado. Parte o coração. Parte o coração mesmo quando a impossibilidade é jubilosa ou quando você entrevê um lampejo de vida fora daquele peso inflexível. (Katherine McKittrick 2017, 28).

Zoneamento em algum lugar

Por muitas décadas, minha enteada ocupou um apartamento de dois quartos em um deprimente conjunto de blocos de apartamentos no subúrbio de Argel, Les Eucalyptus. Ela gostava de apontar que vivia em um mundo só dela, cercada por vizinhos de olhos vítreos e com olhares longínquos. Eles não estão realmente ali; eles não seguem pauta alguma, dizia ela. Seus olhos estão fixados em prêmios que estão alhures. Cada vizinho tem destinações diversas na mente. Quando navegam pelas mesmas rotinas fatigantes, indo a trabalhos inúteis e a edifícios municipais crispados de conspirações, eles nunca seguem os mesmos passos, sempre alteram a rota.

Mesmo no saguão do seu edifício de concreto estilhaçado, os traficantes, os Salafistas e aqueles que não são devotos de nada em particular não protegem um território, mas deixam que os caminhos sejam constantemente cruzados para que não exista nada reconhecível para se defender. Mesmo que a polícia e seu numeroso séquito delatem infrações, o fato de os habitantes jamais repetirem suas rotinas duas vezes faz da vida cotidiana algo quase impossível de policiar. Entretanto, atos de simples cortesia e sinais de respeito são oferecidos não importa quão profundos sejam os desentendimentos em relação às orientações básicas da vida. A repetição das orações, a intoxicação, os pequenos negócios escusos e as tarefas do lar induzem a uma neblina de tolerância que faz com que as ações mais mínimas provoquem pequenas, porém maleáveis, alterações no desdobrar do dia ou da noite e as perspectivas ou perigos que isso enseja.

Todos os habitantes estão convencidos de que existem grandes personagens atrás das cenas. Às vezes é até possível nomeá-los. Mas também são céticos de suas convicções. Sempre atentos aos outros e a si mesmos, não importa em que grupo que se tenham jogado, com uma profusão de palavras, fofocas, histórias e

impressões, eles fazem suas apostas sobre o formato do futuro, mesmo que sejam indiferentes ao que realmente possa consistir este futuro.

Pois, em tais distritos, que existem sob permanente suspeita e suspensão, é importante manufaturar evidências que podem ser destiladas para oferecerem pistas que apontem aos culpados em todas as direções; onde a atenção vigilante dos olhares, tão vital para deixar todo mundo na linha, não pode olhar tudo ao mesmo tempo, e então as pequenas fissuras são abertas para um negócio rápido, uma trepada rápida, uma saída rápida. Este não é um mundo, diz minha enteada, que seja inabitável.

Aqueles que usam calças podem estar fracamente unidos em sua necessidade de ocupar o espaço público, de marcar seu território em meio a um cenário de cafés dilapidados, de oficinas mecânicas e armazéns guarneidos com latas de conserva. Mas Les Eucalyptus é um distrito de infindáveis favores e respeito sincero e fingido por aqueles com qualquer aparência de terem alguma conexão. Às vezes alguma mulher jovem fica em silêncio e de cabeça baixa, resistindo às tentações de dramas domésticos e de resolver problemas caseiros para conseguir cumprir alguns anos de escola e obter um emprego salariado em algum lugar. O financiamento para uma nova mesquita pode aparecer repentinamente de fontes disputadas, mas os canos na maioria dos apartamentos vazam e muitas vezes estão secos. Quase nada é consertado. Os vizinhos escutam tudo, mas não entendem quase nada.

Novamente, não é que a negação coletiva ou a estagnação domine. Porque, a despeito dos estereótipos, o público e o privado estão sujeitos a inversões oscilantes. Sentar em um café pode ser a única oportunidade de estar sozinho, mesmo à noite, quando todas as mesas estão tomadas. “Segurando as paredes” é a expressão usual para os homens desempregados que podem, de fato, estar segurando algo, como numa interceptação, bloqueio ou sustentação. Pois as paredes que dividem os espaços domésticos, que são do âmbito feminino, não são

somente porosos coadores de informação, mas marcas de geografias complexas em que as amarras e os cortes em teias de relações laterais são feitos.

Todas as portas que abrem e fecham cem vezes ao dia quando nada tangível parece ser trocado, todas as escadas que são subidas e decididas mesmo quando porta nenhuma se abre, todas as viradas nas esquinas, as hesitações entre escola, loja, mesquita e casa, todos os táxis chamados e compartilhados para chegarem ao quilômetro seguinte, tudo isso constitui os ritmos nos quais Les Eucalyptus é virado ao avesso.

A questão de carregar é importante. Não importam quão improvisadas, as vidas precisam ser carregadas, apoiadas. Elas precisam de algum lugar para se realizar, e lugares precisam ser acessados em termos do que são capazes de carregar. Mas carregar pode facilmente se transformar numa forma de captura e, se a vida urbana vem a depender da improvisação, este sustentar não pode ter a forma de uma planilha regrada. Não se pode manter uma contabilidade estrita, não se pode fazer com que algumas vidas importem mais do que outras. Pois, quando a improvisação deslança, uma direção não pode contar como sendo mais generativa do que outra; essa incerteza é parte do risco de tal composição. Além disso, algum lugar deve carregar as “histórias secretas” a que McKittrick se refere nas linhas iniciais deste capítulo; deve sustentar uma escuridão que dê cobertura para experimentos que os residentes possam iniciar, mas que ainda não estão plenamente comprometidos em realizar. Este algum lugar deve propiciar exposição e opacidade.

Assim, vidas improvisadas requerem algum lugar e, neste livro, irei olhar para tais lugares como *zonas*, como locais capazes de sustentar uma intensa heterogeneidade de vidas e modos de fazer as coisas, mas que também não condicionam os habitantes a acatarem regimes específicos de disciplina ou antecipação. Lugares que buscam abrigar seus habitantes para que estes

engendrem uma atmosfera de testemunho mútuo, permitindo-lhes a ética de deixar os outros irem em seus caminhos sem que esses caminhos sejam vistos como tendo implicações duras para outros. Os residentes, então, estão contidos numa atmosfera de coisas continuamente trabalhadas e proporcionadas. Trata-se de uma atmosfera de contrabalanço, de complementaridade e de medidas incomensuráveis que dão lugar a um específico embora cambiante sentido de lugar.

Este livro é situado em distritos ou zonas. Dito de outra forma, é um livro sobre *zoneamento*. Por *zoneamento* me refiro a um processo de criação de uma plataforma para operar no mundo usando um repertório de classificações disponíveis e categorias administrativas que demarcam o terreno que aí então se transforma em outra coisa que supera todos os esforços de descrevê-lo por definitivo, de conter o que pode fazer. Esse excesso de experiências dá a oportunidade de os habitantes se inscreverem em um meio que, de outro modo, poderia parecer que marginalizaria a eles e a seu modo de fazer as coisas. Este é um processo que não almeja fazer que um local particular seja habitável, pois é mais sobre permitir que os residentes se movam dentro e fora, lançando-se no ambiente urbano maior para voltar, novamente, aos locais familiares agora estranhados. É a criação de um ritmo de itinerários que em si mesmos são inabitáveis.

Vamos tomar o exemplo conhecido de zoneamento no trabalho de Sun Ra. Para Sun Ra, voltando no tempo, o Egito era a pedra de toque do que viria a ser uma tessitura complexa de mitologia, numerologia, viagem espacial, teosofia, nacionalismo negro e o oculto. Apresentado como um músico de jazz que conduzia imensas “arkestras” em uma longa carreira que se desdobrou em todo tipo de música e som imaginável, o compromisso de Sun Ra era com “a sociedade de conhecimento negro” — uma capacidade técnica para ir ao futuro como numa urbanização extraplanetária. Enquanto as metáforas de Saturno e do espaço

sideral permeavam as representações dessas urbanizações, o que era almejado além dessa metáfora era a realização técnica de imaginações e capacidades que negros afiaram na sua grande migração para as cidades do Norte, saindo do árduo regime rural do Sul e das repressivas Leis de Jim Crow, que buscavam retê-los nas periferias das cidades e dos vilarejos do Sul.

Este movimento entre os passados míticos da negritude e suas realizações futuras para além da terra que parece incapaz de acomodá-lo era parte da prática persistente de zoneamento de Sun Ra. Mas ele também estava engajado em esforços muito mais prosaicos neste sentido. Quando Sun Ra apareceu em Chicago depois da Segunda Guerra Mundial, já tinham se passado várias décadas em que Negros de histórias residenciais e classes diversas tinham trabalhado duro para usar a mera presença de corpos negros na cidade — suas aparências, vozes, movimentos, ritmos, apetites, sexualidades e aspirações — para construir economias que lhes possibilitariam alguma medida de autonomia e resistência à marginalização. Aparelhos racializados de controle castigaram duramente esses esforços e Sun Ra encontrou uma Chicago que reprimiu a esquerda política e organizações radicais, bem como locais de cultura popular, como casas de espetáculo, a mídia e o rádio.

Foi neste momento que a ênfase no conhecimento Negro como operações técnicas ganhou projeção no projeto de Sun Ra. As pessoas negras não passaram por tudo que passaram somente para serem integradas de acordo com os termos de uma sociedade americana que fazia de tudo para excluí-las. Depois de terem adquirido um histórico sólido de estarem nas cidades, depois de terem provado que poderia haver algo como uma “Cidade Negra” em si mesma, esforços extraordinários, “extraplanetários” eram necessários para concretizar essas conquistas.

Da panfletagem de rua, impressão de pequenos livros, feitura de discos e *performances* que misturavam swing, bop, blues, *show tunes* e a improvisação

experimental, até aparições em clubes de *strip*, casamentos, casas de concertos, festas de rua, clubes de jazz, circos e universidades, e na interseção da intensa experimentação musical e filosófica com a novidade, o entretenimento e acenos ao amplo mundo da vida associativa negra, Sun Ra e suas grandes bandas e associados buscaram ser uma *zona* em si mesmos. Isso não era apenas uma expressão improvisada, mas um processo de estudo intensivo (Sites 2012).

Para Sun Ra, portanto, o zoneamento se referia a uma prática inventiva e incessante de operar em descontinuidade entre ter uma locação com a qual a pessoa se identificava e da qual a pessoa poderia ser identificada e falar aos outros e a capacidade de se dirigir aos outros, de chamá-los e inclui-los além da especificidade de qualquer locação. O Egito não continha nada em si, não era uma promessa prestes a deslanchar numa ação revolucionária, pois era mais um dispositivo que podia acionar o conhecimento que Sun Ra dizia que os Negros necessitavam em relação às aspirações que continuamente tinham de encontrar diferentes máscaras sob as quais operar e também para atuar fora da quantificação estrita do que pode ser contado. Para Sun Ra não importava muito se os negros estavam fora da vivência urbana americana, o que era mais importante é que eles estavam “desaparecidos em combate”.

O auge do humano

Entre os coros competitivos do exagero e da indiferença, os anseios de extinção e os reforços do sistema imunitário, algo emerge para frente e para trás. O surgimento é tanto a falência do poder quanto seu excesso inexplicável; salta escalas enquanto elimina qualquer coisa que possa ser constituída como apoio. É um ritmo estranho que não é reconciliável aos antigos tempos cíclicos e nem à aceleração. Este é um ritmo melhor exemplificado pelo filme de Eduardo Williams, *O auge do humano* (2016). Oscilando indistintamente entre o documentário e o ficcional, jovens em Buenos Aires, Maputo e Isla Bohol (Filipinas) são retratados

em uma incessante movimentação que parece ser sem sentido, embora muitos deles tenham empregos fixos. Eles buscam locais gratuitos de Wi-Fi, *cyber cafés* e maneiras de transformar a atividade na rede em dinheiro.

Nas duas primeiras cidades, homens jovens buscam moldar a exposição voluntária dos seus corpos em sites da Internet que oferecem quantidades específicas de dinheiro para a exposição da carne. Eles não são bons nesse jogo e isso não lhes importa. As entranhas da rede não prendem sua atenção tanto quanto os prolíferos espaços de relativo abandono e as visitas infrequentes que pontuam suas cidades que ainda não são ruínas. Eles falam sobre teorias de genomas e matemática, bruxaria e galáxias siderais, movendo-se de uma rápida e obscura observação a outra. Sempre em movimento, sempre equipados com celulares, mas às vezes fixados na mudança mínima da luz, no movimento das formigas, a juventude do filme se engaja em um domínio maior daquele que a circunda, embora pareça ocupar uma posição marginal nele.

Aqui, o auge emerge como um ritmo que busca ultrapassar os confinamentos de rotinas e locais limitados, mas que também quer reter uma visão microscópica dos detalhes de lugares que poderiam ser deixados para trás. Este é o ritmo da resistência, da emergência para frente e para atrás. Não é o ritmo do devir incessante ou do ficar permanente; é tirar o máximo proveito da “dobradiça”, do saber como se mover e de pensar sobre vários ângulos enquanto se tem consciência dos constrangimentos, da durabilidade dessas coisas que são “ruins para a gente” (Stoler 2016).

Pois, como claramente demonstra o filme de Williams, as pessoas sempre tentam buscar um sentido de proporção, mesmo quando as coisas não podem ser proporcionais de uma maneira clara e definitiva. O que há neles e nas suas capacidades que deve ser estendido aos outros específicos e o que esses atos de autoextensão indicam sobre o que está sendo contido, em parte, para atizar o

engajamento dos outros? Esse arranjo da proporcionalidade não é meramente o resultado de cálculos de interesse próprio. Faz parte também daquele campo de despesas que moldam as conexões, as interdependências e as autonomias que as pessoas concebem e operacionalizam umas com as outras. Então qualquer noção do *social* está sempre “fora do eixo”, nunca é assumida como uma totalidade estabilizada. Ao contrário, é uma contínua deformação de entidades sistêmicas, enquanto os indivíduos são os portadores de trocas sociais e memórias e as sociedades são partes das contínuas transformações sociais das invenções do ser (Jimenez-Corsin 2008) — é uma escala sem escala.

Essa escala sem escala pode ser vista em muitas zonas urbanas pobres do Sul onde o Sul se torna algo que deve ser cruzado, uma “cruz a ser carregada”, uma coisa que está “lá”, que carrega conotações densas: “Nós somos aqueles que Deus esqueceu”, “Nós nos tornamos cachorros” ou “Isso está no meio do nada”. Estas são populações alvejadas (Parks 2016), populações que devem ficar na linha para serem esquecidas ou por estarem enquadradas, ou porque são alvos de perguntas miúdas tais como “o que essas populações são de fato?”. Essas prerrogativas entreveem esses espaços como inabitáveis, não condizentes com a habitação humana, como ambientes de toxidade e violência, rápidos e lentos.

Mas nessas designações há um desprendimento, um desprendimento dos imperativos de tecer comparações, de ser visto dentro das hierarquias da autossuficiência ou da sustentabilidade. Se Deus realmente se esqueceu desses lugares, talvez então exista algum tipo de liberdade em ser esquecido ou em não ser incorporado às analíticas de Deus. Em ambientes plenos de catástrofes cotidianas, a única maneira de viver com isso é alcançar algum tipo de indiferença em que tudo que é capaz de produzir uma morte injustificável ou desnecessária — mesmo quando a morte é necessária e, portanto, justificada — é achatado. Algo que se transforma em uma superfície plana que porta as marcas de cada evento, mas que ao mesmo tempo não tece distinções entre eles.

As condições que pareciam condenar os residentes a durezas óbvias se tornam, nesse desprendimento, uma operação menor (Laruelle 1999), já que não somente apontam para durezas, mas simplesmente assinalam o que são e, assim, se tornam elementos de um sentido mais amplo de interações. Tornam-se marcas sem significação, linhas de cicatrização em corpos preparados para a batalha, para a reza, para o sexo e para o repouso — não somente para a morte com que são habitualmente consignados.

Podemos considerar muitas zonas urbanas do mundo como inabitáveis. Mas o que as torna inabitáveis são as condições óbvias de violência, opressão e toxidade que são suas características predominantes? E se tiver algo a mais? E se, além de ser uma descrição das maneiras pelas quais essas zonas são cenas de um crime, um crime contra a humanidade dos seus habitantes, este inabitável não pode ser também um método, um método que não foi necessariamente escolhido por seus habitantes, mas que se converteu em um método a partir dos pedaços das vidas quebradas e da infraestrutura rota que compõem o legado da zona? E se o inabitável propiciasse um tipo de pensamento que desafiasse ou recusasse o que significa habitar de forma viável um lugar? E se fosse um método para compreender mais amplamente os *ritmos da resistência*, os surgimentos de vida que os corpos carregam para frente e para trás entre destinações que se alteram com cada aproximação ou cada recuo? Então aqui eu quero explorar o inabitável como um método para pensar sobre esses *ritmos da resistência*.

Referências bibliográficas

CORSIN, Alberto Jiminez. *Well-being in Anthropological Balance: Remarks on Proportionality as Political Imagination.* In: CORSIN, Alberto Jiminez. *Culture and Well-being: Anthropological Approaches to Freedom and Political Ethics*. London:

Pluto Press, p. 180-197, 2008.

MCKITTRICK, Katherine. *Plantation Futures*. *Small Axe: A Caribbean Platform for Criticism* 17, p. 1 - 15, 2013.

_____ ; Alex Wehiliye. *808s & Heartbreak*. *Propter Nos* 2, p. 13-42, 2017.

LARUELLE, François. *The Generic as Predicate and Constant: Non-Philosophy and Materialism*. In: BRYANT, Lev; SRNICEK, Nick; HARMAN, Graham. Melbourne: re.press, p. 237-260, 2011.

MOTEN, Fred. *The Case of Blackness*. *Criticism* 50: 177-218, 2008.

PARKS, Lisa. *Drones, Vertical Mediation, and the Targeted Class*. *Feminist Studies* 42, p. 227-235, 2016.

SITES, William. *Radical Culture in Black Necropolis: Sun Ra, Alton Abraham and Postwar Chicago*. *Journal of Urban History* 38, p. 687-719, 2012.

STOLES, Ann Louise. *Duress: Imperial Durabilities in Our Times*. Durham, NC; London: Duke University Press, 2016.